

AQUI NO AMOR

FABRICIA JORDÃO

Doutora e Mestre em Artes pela ECA/USP. Em 2019 recebeu o prêmio de melhor tese da CAPES (Artes). Professora nos cursos de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais da UFPR e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da EMBAP-UNESPAR. Suas pesquisas e reflexões enfocam a relação entre arte e capitalismo na arte contemporânea. Desde 2020 coordena o Laboratório de Imaginário Radical (projeto de extensão vinculado ao DeArtes/UFPR) e integra a Red de Estudios Visuales Latinoamericanos.

O diálogo se inicia com uma troca de votos de
final de ano.

É dezembro de 2024.

É Recife.

É a distância

Não sabemos quem é ela, a outra, a que
responde.

Mas ouvimos sua voz na que responde

Na resposta a distancia desaparece

Estamos no agora, no aqui, no amor.

carta,
fogo,
amor,
aqui.

de: [REDACTED]

para: [REDACTED]

data: 23 de dez. de 2024, 09:51

assunto: Votos 2025

Este fogo
que só com fogo
se pode apagar ✕

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

F

de:

para:

data: 23 de dez. de 2024, 22:29

assunto: Re: Votos 2025



[REDACTED]

M.

[REDACTED]

de: **Fabricia Jordao** <cljordao@gmail.com>
para: [REDACTED]
data: 24 de dez. de 2024, 09:27
assunto: aqui no amor

É Recife
É véspera de natal
São as primeiras horas da manhã

Leio as duas cartas

A primeira, um parágrafo apenas.

Carta parecida com os dias de dezembro daqui. Dias curtos, que já nascem cheios de sol, com ventos luminosos vindos do leste.

Carta escrita por Eros: em cada palavra a incorporação do desejo, em cada frase o mapeamento de zonas erógenas.

Os meus olhos ardem, estalam, queimam, são consumidos pela ocupação vermelha da escrita.

A segunda, a carta mais longa, foi escrita em *um dia frio, ao lado do fogo.*

Foi nessa carta que ela contou sobre taquicardia, sobre como o volume de sangue aumenta, sobre como sua carne lateja e o seu corpo treme quando seus olhos se deparam com um outro nome da paixão.

Ela diz (...) *mas quando leio teu nome meu coração dispara e não consigo ignorar.*

E foi só quando ela escreveu
Então li tuas palavras tentando decifrar cada uma. Tentando ler nas entrelinhas alguma que me aquecesse o coração, que entendi.

Ela leu a minha carta como quem busca o fogo. Para ela, escrever ao lado do fogo é uma outra forma de incorporar o amor.

Antecedendo o *não consigo ignorar*, a hesitação do *quase não abri*.

Imagino: um problema de difusão.

Com o *frio* a fustigar a chama, a circulação do oxigênio devia tá lenta e vacilante.

No rebote, o desespero da razão.

Então ela escreveu que estava certa em sua verdade primeira.

Ela diz *impossível sermos amigas*.

Como a razão que nunca duvida de si, ela decidiu: *não me escreva mais*.

Então, o amor

-o de verdade -

aquele que por se saber impossível carrega sempre uma margem

improvável de possibilidade armou sua arapuca:

se tornou palavra. Ela sussurrou *com você eu quero tudo ou nada*.

Na frase ambivalente

hesitação?

covardia?

auto traição?

amor de verdade?

Do desejo que não se decide, ela lança
-certeira -
o feitiço.

Ela diz: *A não ser que algum dia queiras tudo.*

Ela canta o canto

[que se tivesse sido cantado no
canto 12 da *Iliáda*
o astuto Odisseu teria sucumbido]

uma fogueira calma
uma calma ardente
um ardor infinito
um infinito amoroso
um amor verdadeiro
uma verdade desejante
um desejo pleno

E então, enfeitiçada, faço teu exercício amoroso:
faço comigo mesmo o trabalho de fazer meu coração acalmar e de te
ouvir falar num sussurro silencioso que me ama.

Gozo

praticando o amor como meditação.

Depois do gozo, a síndrome a
mesma que acometeu Ícaro:

não fosse as asas
liberdade

serviriam apenas
às tragédias

me interrogo sobre aquele amor

acaso ou destino ?

Notas:

As partes em *itálico* e a fotografia foram retiradas da carta de M e são de sua autoria

A imagem poema é de Jorge Sousa Braga em O poeta Nu (poesia reunida), Edição Assírio & Alvim e foi printada de [opoemaensinaacair](#).

A “Síndrome de Ícaro” é um poema de Bruno Leal (A sorte do sopro, Editora Urutau)